

Em um livro, a Amazônia que está longe da destruição

O livro *Amazônia-Homem*, dos irmãos fotógrafos Pedro, Luís e José Pinto mostra a beleza e a vida em meio aos rios e às matas da selva tropical – o outro lado do Brasil que nem o brasileiro conhece

A imagem que marcou a infância do fotógrafo José Pinto foi a de uma árvore. Não uma árvore grande e frondosa, com suas folhas verdes balançando ao sabor do vento, mas uma árvore estática, em branco e preto, cujos contornos surgiam de um papel branco mergulhado em uma pequena banheira retangular, no quarto escuro apenas iluminado por uma luz vermelha.

“Um dia, na minha casa paterna, aos seis anos de idade, depois de muito choro, é que me deixaram transpor aquela porta toda pintada de preto. Foi o meu saudoso irmão Pedro Pinto que, carregando-me no colo, abriu-me o caminho – proibido para menores – do laboratório fotográfico. A cena mágica me fascinou. Na penumbra, um papel branco mergulhado em água fazia aparecer imagens”, lembra José Pinto, que no dia 27 de novembro completa 70 anos, 54 deles dedicados à fotografia.

Zé Pinto, como é conhecido no meio jornalístico, e seus irmãos Luís, de 67 anos, e Pedro, que morreu há três anos, com 73, fizeram as 450 fotos do livro *Amazônia-Homem* (algumas delas reproduzidas nesta matéria). A obra, em fase final de edição, não deixa de ser um tributo à Amazônia de sua infância e à vocação fotojornalística da família.

“Comecei a trabalhar em jornal aos 16 anos. Para contrabalançar meu noviciado, fazia parceria com meu pai, Brito Pinto, nos jornais *Vanguarda* e *Provincia do Pará*, a fim de competir com a qualidade do trabalho dos meus irmãos Carlos e Pedro Pinto para o concorrente *O Liberal*.”

Aos 21 anos Zé Pinto deixou Belém e veio trabalhar em São Paulo. Luís, com 12 anos, já passara pelo laboratório e começava a fotografar no estúdio de casa. Com 20 anos se mudaria para o Rio de Janeiro, onde vive até hoje. Pedro ficou em *O Liberal*, onde permaneceu por 50 anos.

“Naqueles tempos, éramos dez pessoas voltadas para a fotografia. Nosso pai ensinava: ‘a boa fotografia está aqui’, apontando a frente; ‘aqui’, indicando os olhos, ‘e aqui’, repousando a mão espalmada sobre o coração.”

A trilogia, no meio

Amazônia-Homem é o livro do meio de uma trilogia. O primeiro, *Natureza-Cidade*, com fotos de Zé Pinto e seu filho Iuri Moraes, foi lançado em dezembro de 1997. Contou com textos de 260 convidados e fotos distribuídas por 286 páginas. Teve patrocínio da Volkswagen e uma tiragem de 3.000 exemplares. Para completar a trilogia, Zé Pinto está concluindo *Cidade-Homem*, que também terá cerca de 450 fotos e mostrará a difícil, mas também poética coexistência do homem com São Paulo. “Esta cidade é fantástica. Você não sabe aonde vai acabar.”

Amazônia-Homem terá 352 páginas em papel couchê, formato quadrado de 28 x 28 cm, textos de muita gente famosa, mas também de pessoas simples, do povo, como cantadores de cordel. Zé Pinto gosta ainda de lembrar que se for somada toda a experiência pro-

fissional dos três irmãos, “o resultado é mais de 150 anos de fotojornalismo”.

Para complementar o trabalho de Pedro, que sempre viveu em Belém, Zé Pinto e Luís fizeram, cada um, oito viagens à Amazônia nos últimos três anos. “Foram percorridos mais de 80 mil quilômetros em gaiolas, canoas, montarias, aviões, helicópteros, carroças, ônibus, jipes e a pé, no interior da floresta amazônica.”

Para arcar com os custos, Zé Pinto vendeu um terreno da família, máquinas fotográficas e recorreu à economia dos filhos. “Tudo entrou na dança. É um trabalho de família. Vivo reunido com a mulher e os filhos, em casa, discutindo pautas”. A mulher, Cida, é artista plástica. Os filhos são Iuri, 33 anos, publicitário e repórter fotográfico; Maristela, 35 anos, fotógrafa e pedagoga, e Jerônimo, 25 anos, jornalista que trabalha no Canal 21, da Rede Bandeirantes.

Caribunas em Oiapoque

Zé Pinto acredita que o jornalismo é uma profissão que “nos permite ter uma dimensão de nossa gente, de nossa terra, da cultura do nosso povo”. Neste particular, fotografar a Amazônia e seus habitantes foi muito gratificante para ele, que recorda com carinho algumas passagens:

“Gosto muito da foto do menino da tribo caribuna que está erguendo a cabeça dissecada de um gorijuba, um peixe de água doce. A ossada parece um crucifixo e o garoto se chama Megaron, que quer dizer espírito da floresta”.

A foto, no alto desta página, foi feita em um rio de Oiapoque, Amapá, no extremo norte do País, próximo a um grupamento de índios caribunas. O menino tem as mãos sujas do vermelho-arroxeadado do açaí, um energético natural que os índios adoçam e bebem com farinha de mandioca ou farinha d’água.

Outro momento que emocionou o velho fotógrafo foi a visita a Orlando Villas Boas, no bairro Alto da Lapa, em São Paulo, onde hoje mora o famoso indigenista. “Em cada virada de página do boneco do livro o sertanista parecia curtir as saudades dos rios, cachoeiras, peixes, trilhas, árvores, pessoas... Fechou o esboço do livro, abriu um leve sorriso e disse: Zé, gostei! Senti-me feliz!”

A mesma energia que o fotógrafo flagrou no rosto de Orlando Villas Boas, de 85 anos, 60 deles vividos sob o sol tropical, ele encontrou na expressão dos militares do CIGS – Centro Integrado de Guerra na Selva, do Exército Brasileiro, em Manaus. “A identificação com a Amazônia é tão forte que a palavra de cumprimento é ‘Selva!’”

A relação do povo com as forças armadas é bem diferente na Amazônia. Em muitos lugares distantes, a única possibilidade de assistência vem dos militares. Nos campos de pouso da FAB – Força Aérea Brasileira, por exemplo, é comum a presença de índios, principalmente crianças. Afinal, dos aviões chegam alimentos e roupas.

Odir Cunha

(Continua na página 04D)



ESPÍRITO DA FLORESTA: índio Megaron com a cabeça de um gorijuba



INDIAZINHA da tribo de caribunas em Oiapoque, Amapá



PIU-PIU: meninos índios, com camisetas doadas, em campo da FAB



ORLANDO VILLAS BOAS viu as fotos em sua casa, na Lapa, e aprovou: “Senti-me feliz!”



FUTURO: indiazinha transportada pela mãe



ESTUDO: cabocla vai à escola carregando o bebê



SUCURI de oito metros capturada pelo Exército



ONCINHAS carregadas nos ombros do soldado brasileiro, em Manaus



COEXISTÊNCIA: a tartaruga inicia sua lenta travessia sobre o jacaré,...



... que permanece estático, indiferente ao mundo que o cerca

Fotos: Pedro, Luís e José Pinto

PCTR 492

Gente forte, em harmonia com o meio ambiente

Assim são os habitantes da Amazônia brasileira. Negros, caboclos, índios, convivendo com as dificuldades naturais, mas também com a fartura e a grandeza de uma região fascinante

Das personagens que retrata em seu livro *Amazônia-Homem*, uma das que mais impressionou o fotógrafo José Pinto foi a negra Gregória, que vive em Ananindeua, a 14 quilômetros de Belém, às margens do Igarapé Santo Antônio. Mesmo sem saber ler ou escrever, Gregória é uma líder natural da comunidade, respeitada por todos. Organiza mutirões para limpar o rio, vai às autoridades reivindicar em nome de seu povo, é um símbolo de luta e fé para aquela gente simples.

“Com três filhos e quatro netos, todos nascidos na barranca do Igarapé, como gosta de dizer, Gregória é uma mulher determinada, de muita força e sabedoria”, diz o fotógrafo. Para destacar a filosofia de vida e a fé da matriarca, Zé Pinto, como os amigos o tratam, gosta de lembrar a frase sempre repetida por ela: “Os piores males que nos podem acontecer, Deus corta no ar”.

Provavelmente a origem amazônica da família fez com que Zé Pinto e seus irmãos fotógrafos Pedro e Luís – todos nascidos em Belém – mostrassem em sua obra um outro lado da grande floresta. Não as queimadas e a devastação, imagens que parecem ser as preferidas pela mídia, principalmente a internacional, mas o povo, resistente às dificuldades e em harmonia com a natureza:

“Tenho também fotos de queimadas, de motosserra, mas 99% do livro é voltado para as coisas positivas, o que é belo, o que deve ser preservado. Não se usa uma linguagem panfletária, nenhum político participa. É um livro para despertar a consciência e a responsabilidade, para chamar a atenção do Brasil, pois o Brasil não conhece a Amazônia”, diz Zé Pinto.

Realmente. O Brasil imagina, mas não pode sentir a emoção ou ver a beleza que é o encontro das águas amarelas do Solimões com o azul-escuro do Rio Negro. E talvez nem imagine o que seja o “Dá, dá, dá” das crianças que chegam em canoas frágeis, equilibrando-se nas ondas do rio Salvadorzinho, entre Belém e Macapá, para pedir coisas aos passageiros dos navios.

“Como se fossem peixes”

“É impressionante. Quando vai chegando a hora, você percebe no navio as pessoas se mobilizando para separar roupas e alimentos que colocam em sacos plásticos e jogam em direção às canoas. O rio tem trechos com profundidade de até 60 metros. Vi uma mãe remando com crianças de colo, sorrindo”, lembra Zé Pinto.

Os rios fazem parte da vida do homem amazônico. Zé Pinto aposta que se aquelas crianças caíssem da canoa, sairiam nadando, pois “já nascem na água, são como peixes”. Lá, o rio está incorporado à vida das pessoas, tudo passa por ele: a vida, a morte, amor...

Luís, o irmão mais novo de Zé Pinto, viajou 2.250 quilômetros de Belém ao sul do Pará, no Rio Araguaia, para fotografar um casamento no qual os noivos chegavam de barco. Oito anos depois voltou ao mesmo lugar e desta vez retratou o casal e o seu filho, que já ajudava a em-

purar o barco. Zé Pinto faz as contas da distância de ida e volta e conclui que Luís viajou 9.000 quilômetros para fazer quatro páginas do livro.

Para outras quatro páginas, Luís passou 26 dias a bordo do navio-hospital Carlos Chagas. A embarcação é uma das duas que a Marinha Brasileira destina ao serviço de assistência hospitalar na Amazônia, além de outras cinco que atuam no patrulhamento da região.

No Carlos Chagas há médicos, dentistas, laboratório para exames clínicos e sala de cirurgia. Para reduzir o constrangimento das mulheres atendidas, o navio tem uma equipe médica feminina com ginecologista, citopatologista e enfermeiras. Pacientes de locais distantes, que não podem se locomover até o barco, são atendidos por lanchas que levam médicos e enfermeiras. Em casos de lugares muito remotos, são utilizados helicópteros.

Festa: chegou o navio

“É uma festa quando um navio desses chega à cidade. O comandante se apresenta ao prefeito e diz quanto tempo vai ficar. Os alto-falantes conclamam o povo. Logo há uma fila na margem, à espera de atendimento. O navio participa de campanhas nacionais, como aquela contra o câncer do colo do útero. É um trabalho bonito”, entusiasma-se Zé Pinto.

Talvez por entender e se identificar tanto com o povo, os fotógrafos não deram prioridade a bichos e plantas – o que seria de se esperar na visão simplista de um leigo –, mas eles não são esquecidos. Nem poderiam, pois estão em toda a parte. No próprio quartel do CIGS, em Manaus, foi encontrada uma sucuri de oito metros. No mesmo Centro Integrado de Guerra na Selva não é raro ver um militar transportando animais selvagens (como o soldado que, na página anterior, carrega duas oncinhas, uma em cada ombro).

Fugindo ao lugar-comum, o livro busca formas e cores inusitadas e é muito feliz ao retratar, por exemplo, não só a borboleta que se parece com uma folha, como uma folha que se parece com uma borboleta.

Mais do que o lado tocante e poético da Amazônia, o livro dos irmãos Pinto descobre uma força no homem amazônico até então nunca tão bem retratada. As fotos e textos mostram um povo determinado, com grande espírito de luta.

Para falar do caráter forte e do amor à terra de seus conterrâneos, Zé Pinto gosta de citar o exemplo do bem-te-vi, ave canora e pacífica que se transforma ao defender seu ninho do poderoso gavião: “O majestoso pássaro estufa o peito e se transforma em valente guerreiro disposto a defender o espaço, a cria, com a própria vida. Em pleno vôo os dois se encontram. Em manobra arguta e ligeira o bem-te-vi se encrava no dorso do temível predador, picoteando-lhe a cabeça até rasgar sua carne, furar seus ossos, ferir-lhe mortalmente”. Enfim, *Amazônia-Homem* tenta, através da beleza e da emoção, aproximar um pouco mais a Amazônia do Brasil.

Odir Cunha



SOCORRO: Carlos Chagas, um dos dois navios-hospital da Marinha



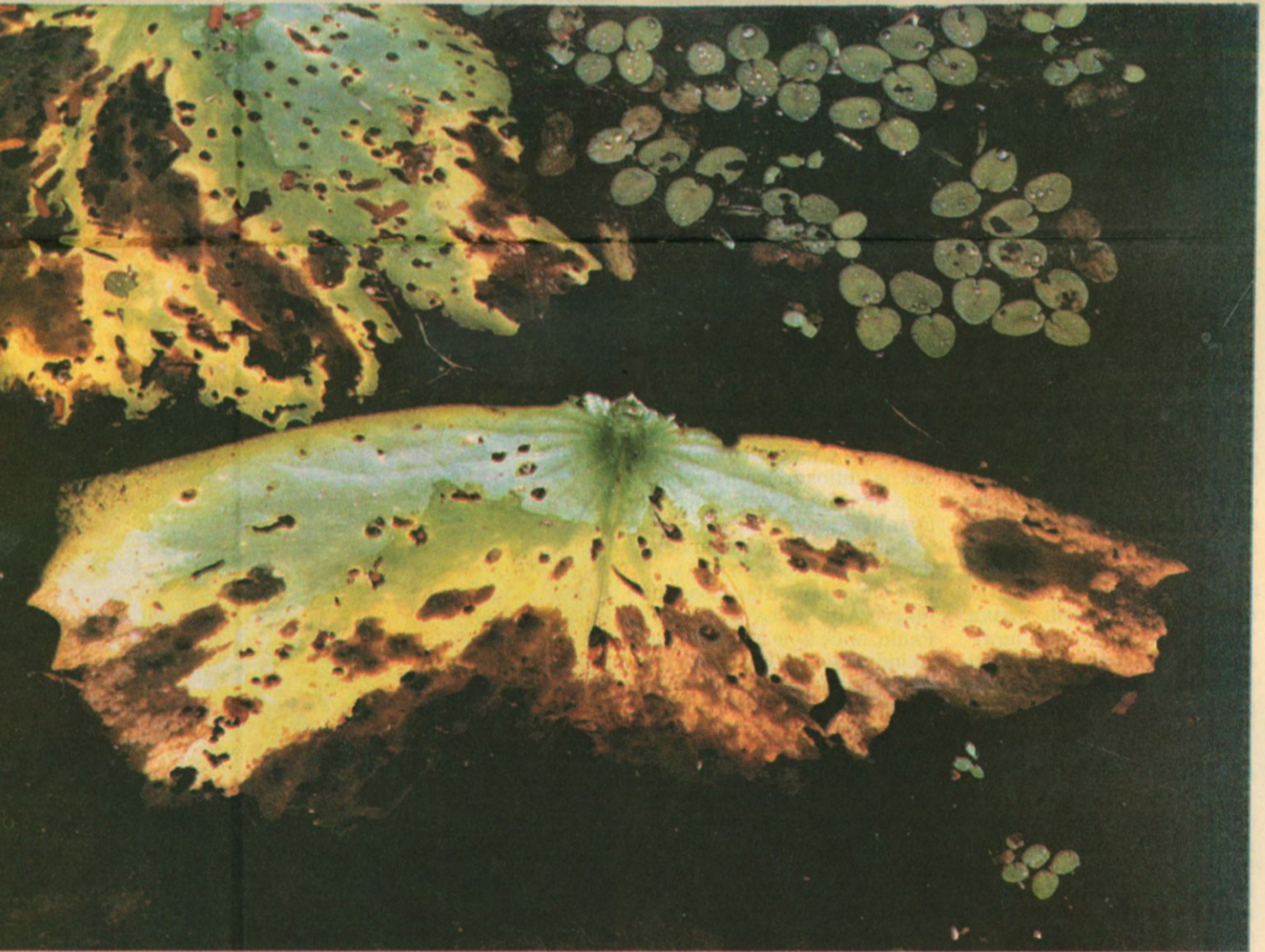
NEGRA GREGÓRIA: não sabe ler nem escrever, mas é a respeitada líder da comunidade de Ananindeua, a 14 quilômetros de Belém



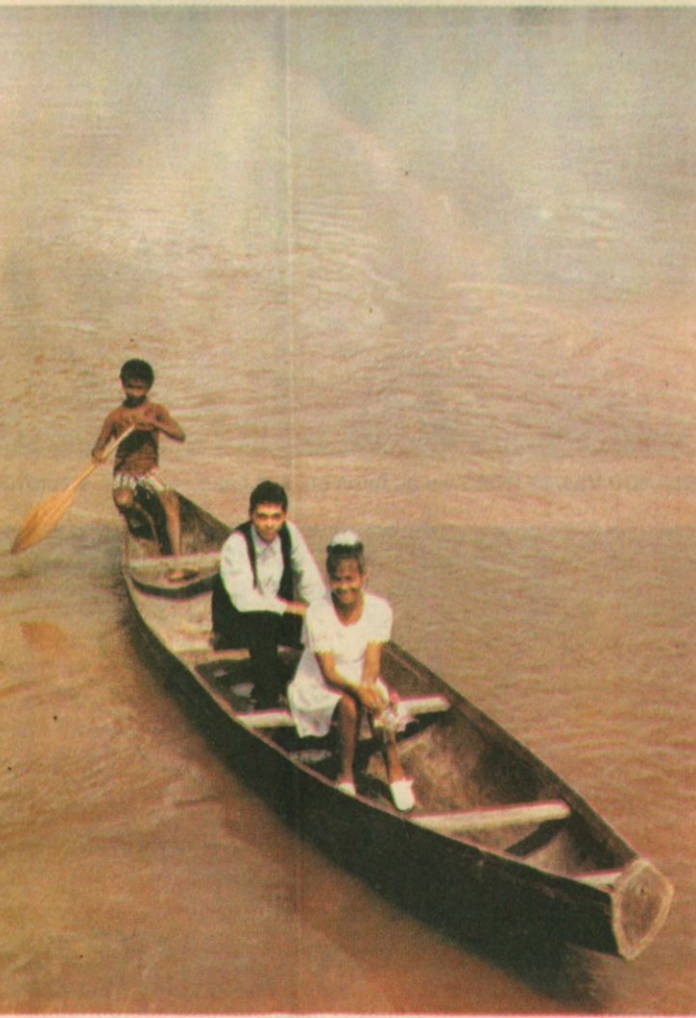
ENCONTRO: o amarelo do Solimões com o azul-escuro do Rio Negro



DÁ! DÁ! DÁ!: canoas frágeis no rio Salvadorzinho para pedir uma ajuda



MIMETISMO AO CONTRÁRIO: ao invés de uma borboleta que se parece com uma folha, uma folha que se parece com uma borboleta



CASAMENTO no Rio Araguaia, a 2.250 quilômetros de Belém



JOSÉ PINTO: 54 anos de fotojornalismo e muitas idéias na cabeça